



Câmara Municipal  
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do  
Património de Cacela

### NOTA DE EDIÇÃO:

A 38ª edição do Tomilho acaba de sair divulgando o programa do ciclo Passos Contados que se inicia no mês de Abril e relembrando seguidamente as actividades que aconteceram nos meses de Janeiro e Fevereiro.

A *Página do Artesão* é dedicada à produtora alimentar Maria Aldina Neves, natural da freguesia de Cacela.

A rubrica *Arqueologia e História* debruça-se sobre as escavações arqueológicas na Fortaleza de Cacela Velha ocorridas em 2004 e 2007.

As tradições associadas à Quaresma e Páscoa são as temáticas escolhidas nas rubricas *Memórias e Saberes* e *Objecto com História*. A receita é também uma celebração desta época festiva, bem como a reportagem fotográfica feita por Beba Fernandes sobre a tradição do foliar em forno de lenha, em Santa Rita.

Terminamos com a agenda cultural para os próximos 2 meses e com uma lengalenga partilhada por Teresa Miguel, residente na Ribeira da Gafa. Boas leituras e até ... Maio.

### NESTA EDIÇÃO:

Ciclo Passos Contados chega em Abril	1
Aconteceu...	2
Página do Artesão	3
Arqueologia e História	4
Objecto com História	8
Os terços da Quaresma	9
Origens remotas das tradições pascais	12
Receita	14
Vai acontecer...	16

# O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL  
NÚMERO 38

MARÇO /  
ABRIL  
2022



SANTA RITA

## Ciclo Passos Contados chega em Abril

A 15ª edição do ciclo “Passos Contados”, passeios pedestres de interpretação da paisagem em Cacela e Vila Real de Santo António inicia-se no mês de Abril e termina em meados de Outubro. O programa conta com sete passeios temáticos que oferecem experiências de interpretação e descodificação das paisagens culturais, seus valores naturais e elementos patrimoniais. A partir das conversas com os orientadores dos percursos, enquanto se observa a paisagem, os passeios propõem conhecer melhor e de forma mais estimulante o nosso património.

O primeiro passeio realiza-se dia 3 de Abril e é dedicado à **fauna e flora nos sistemas dunares de Cacela**, orientado pelas biólogas Paula Moura e Ana Moura; a 22 de Maio os historiadores Luís Palma, Catarina Oliveira e a socióloga Susana Araújo, guiar-nos-ão pelos **Moinhos de água e de vento em Cacela**; sob orientação do arquitecto Carlos Henriques Ferreira e com a participação de pescadores da Praia da Lota o tema do passeio de dia 4 de Junho será **Manta Rota. Origens, tradições e mudança**.

A campanha de escavações arqueológicas em Cacela Velha, a decorrer este Verão, será o mote para o passeio de 9 de Julho, dedicado ao tema **muçulmanos e cristãos na Cacela medieval** com as arqueólogas Cristina Garcia, Maria João Valente e Patrícia Leal e o antropólogo físico Hugo Cardoso; no dia 21 de Agosto faremos um passeio ao amanhecer sobre **a alfarroba. Antigas tradições e pers-**

**pectivas de futuro** guiado pelo produtor João Sol que incluirá a apanha deste fruto. O passeio de Setembro (dia 17), orientado pelo Engenheiro David Santo e o produtor Luís Augusto Rosa, debruça-se sobre **a uva, a vinha e a produção artesanal de vinho em Cacela**. Para encerrar este ciclo teremos, a 9 de Outubro, um passeio sobre a **Carta Topográfica de Sande Vasconcelos, estrutura fundiária e actividades económicas na Cacela de 1775** que será orientado pelo geógrafo Manuel Rato.

Esperamos que o programa lhe desperte interesse e se possa juntar a nós neste ciclo dos Passos Contados!



## ACONTECEU...

### EXPOSIÇÃO “PRÁTICAS SITUADAS – UTILIDADES E PERSPECTIVAS ARTESANAIS”

Entre 11 Janeiro e 20 de Fevereiro esteve patente no CIIPC, na Antiga Escola Primária de Santa Rita, a Exposição “Práticas Situadas—Utilidades e Perspectivas Artesanais” com propostas de objectos utilitários concebidos com cinco materiais naturais, desenvolvidas em diferentes territórios do país. Em complemento, foram projectados uma série de curtos filmes oferecendo uma perspectiva única e crítica da visão individual dos artesãos sobre a sua arte, sua filosofia de trabalho e de vida.



A exposição foi concebida pela plataforma *Origem Comum* que, ao longo do seu primeiro ano de existência, colaborou com vários artesãos revisitando técnicas, formas e modelos ancestrais, aplicando e repensando o conhecimento vernacular de um saber-fazer próprio de cada lugar. Desta colaboração resultou uma colecção de objectos utilitários destinados ao quotidiano contemporâneo.



### OFICINA “ARTE DA EMPREITA COM PALMA”



A primeira oficina deste ano foi dedicada à arte da empreita com palma e foi conduzida pela artesã Ana Maria Afonso, natural do Monte das Foias, Freguesia de Vila Nova de Cacela, onde actualmente reside com a família e tem a sua pequena “oficina”. Esta artesã começou cedo a trabalhar no campo, mas a empreita, que aprendeu com a sua mãe Maria Antónia Neves, foi sempre um importante complemento. Desde o falecimento da mãe que se dedica apenas às artes da empreita com palma e materiais reciclados, ao crochet e ao artesanato em papel (técnica dos rolos), confeccionando objectos que vende nos mercados da região.

Nesta oficina, realizada no passado dia 20 de Fevereiro, os participantes tomaram contacto com a técnica da empreita, um dos elementos identificadores da “cultura material algarvia”, pelo aproveitamento de um elemento vegetal abundante na região – a palmeira anã, planta autóctone característica do Barrocal e Serra – e pelos seus usos antigos para o acondicionamento e transporte de bens, trabalhos do campo, artes da pesca ou arrumos e asseio da casa.

Ao longo do dia, os participantes aprenderam a fazer a trança, a baracinha e a coser. No final do dia nasceram alcofas, jarras, abanicos e até uma galinha!



## PÁGINA DO ARTESÃO

### Maria Aldina Neves, produtora alimentar



Fotografia de Fátima Afonso

#### SOBRE O SEU OFÍCIO

O seu ofício advém das terras que possui, do que produz e de tudo o que aprendeu com a sua família.

Para além de produtora de sequeiro e de horto-fruticultora, Maria Aldina tem uma banca há 26 anos no Mercado Municipal de Vila Real de Santo António.

Vende os produtos que vêm da sua terra (figos, amêndoas, romãs, ameixas, hortaliças, ervas aromáticas, ...), da terra de outros agricultores e produtos feitos por si dos quais destacamos: figos secos, estrelados e recheados, bolos e bolinhos de figo, folares e filhoses. Vende também mel, produzido pela sua irmã.

Podemos ainda encontrar os seus produtos nos Mercadinhos de Cacela Velha.

**Contacto:**

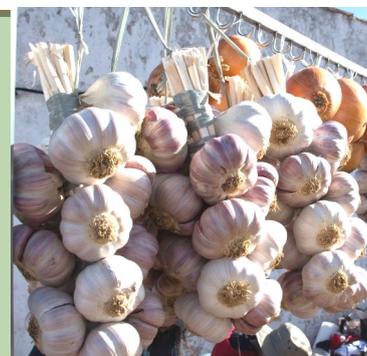
**967533429**

#### NOTA BIOGRÁFICA

Maria Aldina Neves nasceu em 1963 no monte do Pomar, freguesia de Vila Nova de Cacela, e foi viver para o sítio do Marroquil, freguesia do Azinhal.

Desde sempre trabalhou no campo, primeiro ajudando os seus pais na exploração das suas propriedades e mais tarde, depois de casada, como trabalhadora agrícola para lavradores da região. Entre as várias tarefas que realizava no campo, destacamos a ceifa do cereal, apanha dos frutos do pomar de sequeiro e de outras árvores de fruto, trabalho agrícola nas estufas de hortícolas, entre outras.

Após uma intoxicação química nas estufas, começa a dedicar-se à venda dos seus produtos complementado com produtos de outros produtores.



Fotografias de Fátima Afonso

## ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

# Escavações arqueológicas na Fortaleza de Cacela Velha



Fortaleza de Cacela Velha em 1940

A arquitectura actual da fortaleza de Cacela corresponde às obras de reconstrução concluídas em 1794, devido aos estragos causados no monumento pelo terramoto de 1755, conforme consta na lápide que se encontra por cima da porta de entrada. Esta lápide faz menção ao promotor das obras, o governador do Algarve, Nuno José Fulgêncio de Mendonça e Moura, Conde de Vale de Reis. A fortaleza apresenta estrutura trapezoidal com baluartes na frente marítima, os quais integram duas guaritas e dois torreões na

frente terrestre. Em 1897 a fortaleza foi ocupada pela Guarda Nacional Republicana que aí permanece com funções de vigilância da costa até aos dias de hoje. O seu interior é ocupado pelas casas da guarda, pátio com poço cisterna e duas imponentes árvores-da-borracha.



Vista aérea da Fortaleza



Porta de entrada da fortaleza

Em 2004 e 2007 foram realizadas escavações arqueológicas na fortaleza de Cacela com os objectivos de identificar estruturas fortificadas (muralhas, torres) anteriores às do século XVII e caracterizar a ocupação do espaço exterior (largo da fortaleza) nos distintos períodos históricos.

As escavações arqueológicas em 2004 decorreram nos meses de Setembro e Novembro e foram financiadas pelo Município de Vila Real de Santo António e pela União Europeia no âmbito do projeto **Castrum** do programa *Meddoc III-B*. A Guarda Nacional Republicana apoiou e colaborou na execução dos trabalhos arqueológicos. A direcção das escavações esteve a cargo das arqueólogas Cristina Garcia, Sofia Macedo e do engenheiro militar Francisco Sousa Lobo.



Escavações de 2004

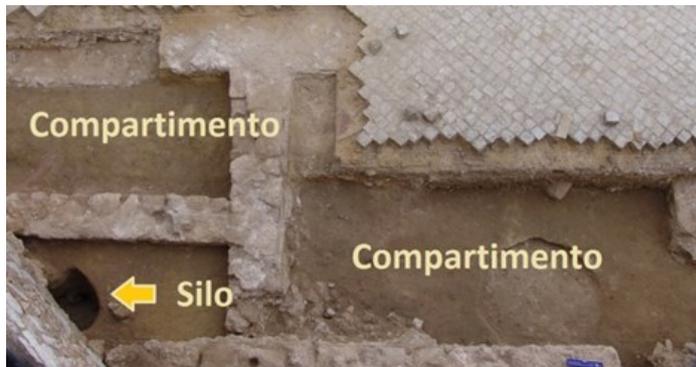


Escavações de 2007

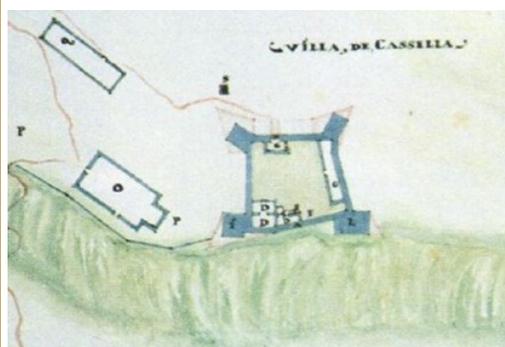
Foram abertas áreas arqueológicas na frente marítima e na frente terrestre da fortaleza. As intervenções colocaram a descoberto, na frente marítima (bateria sul), dois pavimentos possivelmente das Casas do Alcaide – Mor de Cacela e um troço de muralha com 1,90 m de largura do século XVII. Estes achados estão de acordo com o desenho da planta da fortaleza executado em 1621 pelo engenheiro militar napolitano Alexandre Massai, que trabalhava para Filipe III de Espanha. Massai propunha reformular o castelo e adaptá-lo às novidades bélicas de então. Na frente terrestre junto à porta de entrada foram parcialmente identificados compartimentos de uma possível habitação islâmica, e um silo debaixo da muralha noroeste que Estácio da Veiga, arqueólogo algarvio, havia escavado em 1877.



Frente marítima



Frente terrestre



Planta da Fortaleza de Cacela da autoria de Alexandre Massai, 1621 (Fonte: Museu da Cidade, Lisboa)

As escavações arqueológicas de 2007 tiveram como referência os achados arqueológicos descobertos em 2004, e ocorreram no largo exterior da fortaleza.

A campanha arqueológica foi mais uma vez iniciativa do Município de Vila Real de Santo António / Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela, com a colaboração do IGESPAR, da Direcção Regional da Cultura do Algarve (antiga Direcção Regional de Faro do IPPAR e Delegação Regional de Cultura do Algarve) e da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos apoiada pelo Programa Operacional Regional, ProAlgarve.

A equipa de escavação foi coordenada por Cristina Garcia, Sofia Macedo e três arqueólogos de uma empresa contratada. Foram várias as pessoas envolvidas na escavação, desde técnicos do município, habitan-

tes locais, voluntários e membros da Associação Arqueológica do Algarve. Esta campanha arqueológica, juntamente com a de 2004, resultou numa área escavada com um total de 128,44 m<sup>2</sup>, que revelaram um potencial arqueológico histórico valioso para o conhecimento e valorização do Núcleo Histórico de Cacela Velha.



Os trabalhos de escavação em 2007 iniciaram a 7 de Maio e finalizaram a 26 de Setembro. A escavação colocou a descoberto níveis arqueológicos correspondentes a três importantes períodos de ocupação histórica em Cacela; o período islâmico, a reconquista cristã e o sismo de 1755. As marcas deixadas pelo terramoto de 1755 são visíveis num pavimento de seixos de época moderna.



*Pavimento de seixos*

A ocupação mais antiga do largo da fortaleza corresponde ao período islâmico (séc. XII – XIII), estruturas e compartimentos colocados a descoberto assim o comprovaram. O número significativo de estruturas negativas (silos), escavados no substrato geológico evidenciou a forte presença islâmica neste espaço. Foram identificados nove silos, quatro não foram escavados e dois foram escavados integralmente. Estes silos tiveram como função inicial o armazenamento e conservação de cereais, estando localizados no interior da alcáçova, junto do poder local. Numa fase que se desconhece com exactidão,

deixam de ser reservatórios para cereais e começam a ser utilizados como contentores de lixo, para onde foram vertidos restos de construções (telhas, tijolos, ladrilhos), despejos domésticos com cinzas e restos alimentares, recipientes cerâmicos, objectos em metal e osso.



O material recolhido nos silos, tem revelado preciosa informação para o estudo das comunidades cristã e islâmicas em Cacela. O tratamento e análise do espólio cerâmico tem sido objecto de trabalho no CIIPC em Santa Rita. Este estudo contabilizou um total de cerca de 8000 fragmentos cerâmicos no largo da fortaleza, tendo sido objecto de investigação uma amostra de seis centenas de fragmentos e peças. Foi possível a reconstituição quase integral de 6 peças cerâmicas, associadas a recipientes ligados à água, à confecção de alimentos e louça de mesa.



Cântaro



Panela



Tampa de terrina

Os restos alimentares, em específico os bivalves (conchas), têm sido objecto de estudo e investigação por parte de Maria João Valente, professora da Universidade do Algarve em conjunto com alunos e investigadores. Após o tratamento e triagem dos restos de conchas verificou-se um consumo preferencial de três espécies de bivalves: o berbigão, as ostras e as conquilhas. O que não é de estranhar pois os recursos marinhos sempre foram uma fonte de alimento para as populações perto da costa, continuando a ser explorados em Cacela embora com menos diversidade de espécies.



Fivela de cinto



Moedas

Os achados arqueológicos em metal e cobre ocorrem em pouca quantidade e em relativo mau estado de conservação. Porém foi possível a identificação de algumas moedas, uma fivela de cinto, provavelmente cristãs, e outros objectos de identificação indeterminada.

Um dos achados interessantes e inéditos para a Cacela islâmica é um fragmento em calcário decorado em baixo relevo com a representação de folhas de acanto associado a um revestimento de base de coluna ou rodapé.



Queremos prestar uma pequena homenagem a João Mangas já falecido, habitante e amigo de Cacela Velha, que acompanhou os trabalhos arqueológicos e nos foi informando de obras realizadas na aldeia, que foram úteis para percebermos as movimentações de terra do largo da fortaleza. Os testemunhos orais dos habitantes locais são uma informação valiosa para a interpretação de achados arqueológicos e fá-los sentir intervenientes na construção da história do sítio que habitam.

## OBJECTO COM HISTÓRIA

### TERÇO

#### DESCRIÇÃO

O terço é constituído por uma corrente com contas organizado em cinco sequências de dez contas (dezena), separadas por um elo, uma conta e outro elo, num total de 54 contas. A corrente termina com uma medalha que tem suspenso um fio com 5 contas finalizando com um crucifixo. Este apresenta, numa das faces, a figura de Cristo, e na outra face uma inscrição com o nome *Real Cartuja Miraflores*. A caixa do terço é feita em latão e tem a configuração de um octógono (8 lados). A tampa superior tem inscrito *Cartuja de Santa Maria de Miraflores, Burgos*, separados por um símbolo que não conseguimos identificar.

#### FUNÇÃO

O terço é um objecto de culto religioso católico que representa um 1/3 do rosário (objecto de culto mais completo). Serve como orientador das orações que o utilizador reza manifestando a sua fé a Nossa Senhora. É composto por 5 mistérios e cada um deles inclui 10 Ave-Marias e 1 Pai-Nosso. Pode ser utilizado de forma individual pelo crente sempre que o deseje fazer, ou em grupo, em manifestações religiosas, como por exemplo, o terço da quaresma.

#### DADOS HISTÓRICOS

O terço em destaque tem mais de um século (entre 100 a 150 anos) e pertence a Arlete Gonçalves, nascida e residente em Santa Rita.

Este objecto pertenceu à sua bisavó materna Justina Rosa e, apesar de se desconhecer como foi adquirido, sabe-se, através da inscrição da cruz e da sua caixa, que é proveniente da região espanhola de Burgos, concretamente do mosteiro A *Cartuja Miraflores*, um conjunto monástico edificado a cerca de três quilómetros da cidade de Burgos, fundada em 1441 pelo rei João II de Castela, que pertence à ordem dos Cartuxos.

Da bisavó materna, o terço passou para a avó Maria Rosa e seguidamente para a mãe Maria do Carmo Silva. Esta senhora era de tal modo devota que quando faleceu os familiares encontraram terços em todas as suas algibeiras.

Este terço é o mais antigo e mais especial de Arlete Gonçalves pela longa vida que tem tido e pela relação que estabelece com as mulheres da sua família.



# MEMÓRIAS E SABERES

## Os terços da Quaresma

Dedicamos esta edição do *Tomilho* às memórias dos terços que se realizavam durante o período da quaresma, nomeadamente os que se organizavam em casas particulares, por várias pessoas em diferentes pontos da freguesia de Cacela e freguesias vizinhas de Tavira e Castro Marim.

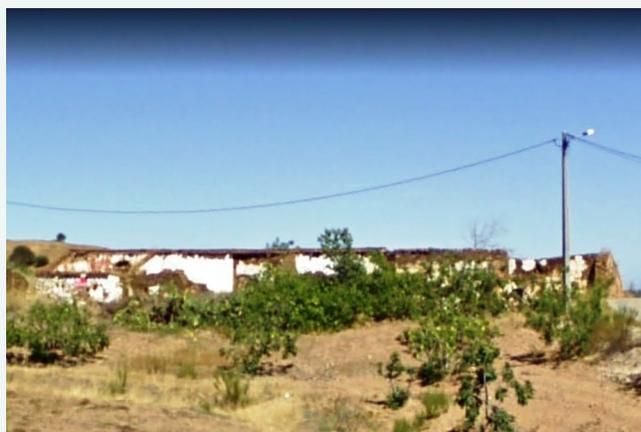
Falamos de uma prática, hoje em dia, inexistente, e infelizmente sem fontes visuais que nos possam ajudar a fazer uma aproximação a esta tradição. Foquemo-nos pois na bibliografia existente e em testemunhos orais de quem participou nos terços.

Geograficamente, a obra “Festas e tradições portuguesas” de José Barros e Soledade Martinho Costa associa esta prática à região do Algarve, embora faça também referência à prática dos terços em casas particulares na região de Nisa (Alentejo).

Localmente, os testemunhos recolhidos identificam 4 localidades onde se organizavam terços da quaresma: no Sítio da Nora, organizado pelo Sr. Custódio e D. Maria da Saúde, proprietários de uma venda; no Sítio das 4 Águas; na Ribeira da Gafa, cuja a organização foi rodando por algumas moradoras, nomeadamente, pela D. Teresa Laureça e pela D. Teresa Rita Miguel; e no Monte do Ribeiro, Pisa Barro, já na fronteira com Castro Marim, organizado por Maria Pereira e as filhas Leonor Teixeira e Júlia Horta. Natália Sares identifica também outros locais onde se organizavam terços no Sítio da Casa Alta, Barrocal, Ribeira do Álamo, Montinho da Aroeira, Pocinho, etc.



Uma das casas onde se rezava o terço na Ribeira da Gafa



Ruina onde se rezava o terço no Monte do Ribeiro

Esta prática iniciava-se a seguir à 4ª feira de Cinzas e ia até ao Sábado de Aleluia, dia em que era quebrada a época de jejum, reflexão, abstinência e contenção, e se iniciavam os bailes de Páscoa a seguir ao terço. A regularidade com que se promoviam estes encontros dependia de casa para casa: em algumas reza-

va-se o terço diariamente durante todo este período, noutras os encontros eram 2 ou 3 vezes por semana e noutros casos ainda, o terço era organizado semanalmente. Em qualquer dos casos, os encontros realizavam-se à noite, depois de um dia de trabalho.

Juntavam-se pessoas do monte, mas também de outros montes vizinhos proporcionando-se um espaço de encontro e reforço das sociabilidades. Antes de se iniciar o terço, havia lugar a um momento de convivalidade entre vizinhos de várias gerações diferentes, sendo um importante espaço para os rapazes e as raparigas conviverem. Era um pretexto para os namoros e vários casamentos nasceram destes encontros. As crianças também se juntavam pois tinham como grande atractivo os rebuçados, vendidos ou oferecidos nesta ocasião.

As pessoas que organizavam o terço tinham o trabalho de preparação que consistia em decorar a sala/divisão da habitação onde o encontro se iria realizar.

*“O tecto era forrado com um lençol onde eram coladas muitas estrelas e a lua em papel. Como não havia cola, usava-se uma pasta feita de centeio/trigo ou resina de amendoeira aquecida. Também faziam argolas de papel em corrente que colocavam na parede, como se fazia também por altura dos mastros.”* (Teresa Miguel, 92 anos, Ribeira da Gafa)



Fotografia de Beba Fernandes

Relativamente ao altar, Natália Sares recorda *“Na parede, frente à porta, era posto um altar, com 3 degraus, tudo forrado com toalhas brancas arrendadas. (...) No último degrau que era mais pequeno, colocavam a cruz com Jesus Cristo cruxificado, que ficava tapado com um pano, nos últimos degraus eram postas imagens de santos que os particulares faziam gosto de levar de suas casas e colocavam também flores do campo.”* (Natália Sares, Cacela)

O pano que cobria Jesus Cristo era retirado quando se dava início ao terço. Fernando Gil Carneira, nas suas memórias escritas, refere que a chamada para o início da sessão do terço era feita com o toque de um búzio, ideia também sublinhada no livro de Maria Emília Fernandes e Maria do Natal Gonçalves, Por terras de Cacela em tempos que já lá vão.

Apesar dos participantes serem sobretudo mulheres (jovens e as suas mães), havia também alguns homens que estavam presentes. Estes ficavam atrás, de pé enquanto as mulheres ficavam à frente do altar, sentadas em cadeiras postas para o efeito.

Os restantes homens que iam ao terço, ficavam numa casa ao lado a jogar às cartas a rebuçados ou a laranjas. Teresa Miguel recorda-se em particular do jogo do 7 e meio.

O terço era orientado por uma ou duas mulheres que davam início às orações cantadas e rezadas. *“Era o terço cantado «Ave, Ave, Ave-Maria» era tudo cantado mas depois era também em silêncio, rezava-se o Pai Nosso e Ave-Maria em silêncio. E estávamos ali um quanto tempo e depois terminava. Ninguém tinha terço, ela (a organizadora) é que tinha.”* (Maria José Gil Neto, 78 anos, Santa Rita)

“Rezávamos o terço. A gente punha-se deste lado, os homens daquele lado e rezávamos Ave-Maria. Quando acabávamos de rezar, benzíamo-nos e logo começávamos outra vez. Rezava-se umas poucas de vezes aquilo. De um lado rezávamos Ave-Maria e quando acabávamos começavam além do outro lado. Depois acabando aquilo tudo levantávamo-nos, rezávamos a Salve Rainha, rezávamos o Bendito louvado seja Santíssimo Sacramento. Rezávamos e olhávamos para o céu. Era uma coisa muito séria.” (Leonor Teixeira, 90 anos, Pisa Barro).

O terço terminava com vários cânticos a Nossa Senhora e a diversos Santos e à saída os rapazes que ficavam fora da sala atiravam reбуçados aos participantes.

Depois destes encontros, cada um retornava aos seus montes por trilhos de cabras, conversando e cantando, percorrendo por vezes mais de uma hora de caminho até casa.

Chegado ao Sábado de Aleluia acontecia o último terço, seguido

de bailes de roda. Os bailes da serra mais conhecidos eram os da Corte António Martins. “O tocador mais conhecido de fole (concertina/acordeão) era o José Pereira. Vinha também do sítio das Solteiras o Sr. Custódio Pereira que tocava bandolim. Os bailes da Corte eram organizados por José Gonçalves e Virgílio da Corte, proprietário da venda, onde se vendiam as bebidas. Eram eles que contratavam os tocadores.” (Teresa Miguel, 92 anos, Ribeira da Gafa)

Este baile juntava pessoas de vários montes que, depois de acabarem o terço, se punham ao caminho em grupos até chegarem à Corte.

Também no final da Quaresma, a partir de 5ª feira Santa, quando não se trabalhava, os rapazes e raparigas juntavam-se para conviver e fazer vários jogos. Deixaremos esta temática para um outro artigo.

É difícil saber quando terminou esta manifestação de religiosidade na nossa região. Fernando Gil Cardeira refere como final desta prática por volta de 1950. No entanto, existem pessoas nascidas em meados dos anos 60 que ainda recordam esta prática quando eram crianças pelo que provavelmente os terços duraram pelo menos até início dos anos 70.

Numa época em que as deslocações eram difíceis e o tempo dedicado ao trabalho era quase total, estes espaços e momentos de convívio e manifestação de crenças e devoção religiosa eram fundamentais na vida das pessoas, quebrando o ciclo casa/trabalho e o isolamento social em que muitas viviam.

### **Bibliografia:**

BARROS, J. e COSTA, Soledade (2002), Festas e tradições portuguesas - Março e Abril, Ciclo de Leitores, Rio de Mouro.

CARDEIRA, Fernando Gil (2003), Memórias escritas por Fernando Gil Cardeira, Tavira.

FERNANDES, M. Emília e GONÇALVES, M. do Natal (2007), Por terras de Cacela em tempos que já lá vão, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

Fotografias de Beba Fernandes a partir da recriação do terço da quaresma, no CIIPC.



Fotografia de Beba Fernandes

## ORIGENS REMOTAS DAS TRADIÇÕES PASCAIS

As festividades cíclicas, que celebramos ao longo do ano, acompanham os ciclos astrais, ciclo vegetativo e o calendário agrícola. Por isso a forma como comemoramos determinadas festas (o que fazemos, o que dizemos, o que comemos, elementos materiais e simbólicos associados,...) continua a evocar antigas tradições e crenças ligadas à natureza e ao ciclo cósmico, a que o Cristianismo se vem sobrepor.

A Páscoa, que assinala a morte e ressurreição de Cristo, vem na continuidade de antigas celebrações do equinócio da Primavera com que se assinalava o início de um novo ciclo. Com o equinócio, a natureza renasce, renova-se, os campos cobrem-se de flores, a vegetação desabrocha, depois das agruras do Inverno. É tempo de celebrar este renascimento.

É interessante reparar que a Páscoa, festa móvel, é marcada no Domingo que se segue à Lua Cheia da Primavera (a primeira Lua Cheia depois do equinócio), revelando a exacta coincidência com o ciclo cósmico e vegetativo. Em muitas culturas antigas, o aparecimento da primeira Lua da Primavera assinalava o início dum novo ano. O calendário romano tinha início com a Lua do equinócio da Primavera. Note-se que na nomenclatura romana dos meses, o de Março é o primeiro e o de Dezembro o décimo.

Por isso, à Páscoa continuam a associar-se tradições de carácter floral e vegetalista: bênção de ramos (que podem juntar alecrim, loureiro, oliveira e flores) no Domingo de Ramos (outrora designado por Páscoa florida); utilização de flores do Domingo de Aleluia (Festas das Tochas em S. Brás de Alportel, Festa de Aleluia em Tomar, entre outras); saídas colectivas aos campos floridos para comer o borrego na 2ª feira de Páscoa; coelhos e ovos, símbolos por excelência da fertilidade.

### RAMOS E FLORES

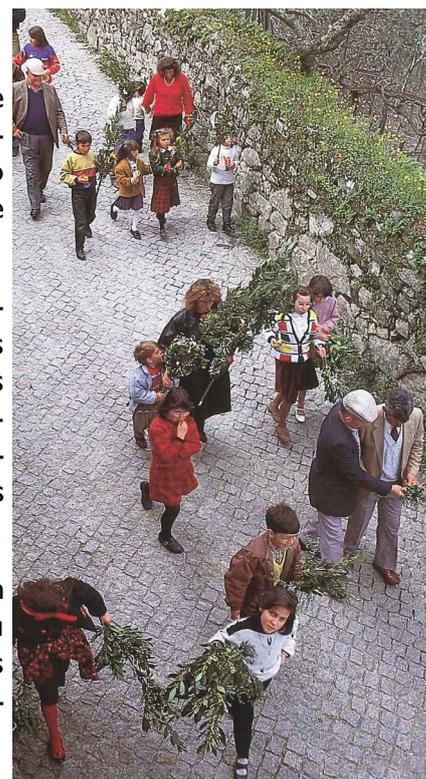
As celebrações associadas ao Domingo de Ramos e ao Domingo de Aleluia são aquelas em que os adornos vegetativos e ornamentos florais são mais marcantes. Porém, já durante a Quaresma, na Procissão dos Passos, é comum cobrir-se o chão, nas cidades e vilas, por onde passa a procissão, com tapetes de rosmaninho e alecrim.

No Domingo de Ramos, em que se celebra a entrada de Jesus em Jerusalém, as igrejas decoram-se com ramos de palma e oliveira e os fiéis levam ramos de palma, alecrim, oliveira, loureiro (alguns ornamentados com fitas coloridas e com folhas “enroladas a capricho”). Após a bênção, estes ramos eram guardados em casa até ao ano seguinte para propiciar pão e fertilidade, queimados como remédio contra as trovoadas ou postos em cruz nos campos para afastar influências maléficas.

No Domingo de Aleluia celebra-se a ressurreição de Jesus Cristo. Em muitos lugares como em São Brás de Alportel na Festa das Tochas ou em Cem Soldos (Tomar) na Festa de Aleluia, são exuberantes as tochas floridas e as cruzes ornamentadas com flores, com que se assinala também o renascimento da natureza.



Festa das Tochas Floridas, São Brás de Alportel



Domingo de Ramos  
Foto de Jorge Barros in *Festas e Tradições Portuguesas*, Circulo Leitores, 2002.





Festa de Aleluia, Cem Soldos  
Foto a preto e branco in Lopes, Aurélio, *A sagração da Primavera*, 2007.

Em algumas zonas do país, quando o padre ia buscar os folares as portas das casas eram enfeitadas com murta e alecrim.

## OVOS E AMÊNDOAS

Passada a Quaresma, período de recolhimento e contenção alimentar, a Páscoa abre um novo ciclo marcado pela festa, abundância e libertação. Em termos alimentares, na doçaria característica deste período, abundam os ovos e as amêndoas, simbolizando o renascer da natureza e a fecundidade.

A Páscoa é tempo de presentes. Os folares e amêndoas costumam ser oferecidos entre familiares e namorados e vêm reforçar simbolicamente as regras cerimoniais do parentesco neste período festivo. Nos Ramos os afilhados oferecem amêndoas e flores às madrinhas e padrinhos, no Domingo de Páscoa receberão os folares.



Nos folares o ovo é não só ingrediente, como elemento decorativo no cimo do folar, cozidos e inteiros, meio incrustados sob tiras de massa que os recobrem.

Como recorda E. Veiga de Oliveira em “Festividades Cíclicas em Portugal” (1984) “As celebrações alimentares da Páscoa em Portugal representam a consagração do ovo «símbolo de fecundidade e abundância» (...) como espécie própria da época em que se verifica a nidificação.” Veja-se ainda a tradição já antiga de tingir ovos nesta altura, e mais recentemente as caças aos ovos e a oferta de ovos de chocolate.

As amêndoas, presente cerimonial característico da Páscoa, assumem, pela sua forma, a consagração do ovo, relacionando-se simbolicamente com o renascimento da Natureza (a amendoeira é uma das primeiras árvores a florescer, antecipando a Primavera).

## BORREGO

Também o borrego integra as práticas alimentares deste período festivo, no Domingo, e na Segunda-feira de Páscoa, no contexto de saídas colectivas para os campos, como acontece no Alentejo. O cordeiro/borrego revela-se, desde há muito como uma manifestação sagrada da Primavera. Nas antigas civilizações mediterrânicas era, nesta altura do ano, vítima propiciatória, representando o que é necessário sacrificar para garantir a salvação e abundância.



Foto de Jorge Barros in *Festas e Tradições Portuguesas*, Circulo Leitores, 2002.

## Todas estas tradições, associadas às celebrações pascais,

parecem reencontrar o sentido primeiro – renascimento da natureza - das antigas celebrações do equinócio que em muitas culturas assinalavam o início do ano.



## FOLAR DE PÁSCOA de Maria Aldina Neves

### INGREDIENTES

- Farinha de trigo
- Fermento
- Água
- Sal
- Azeite e banha
- Canela e erva-doce
- Chocolate em pó
- Raspa de limão
- Sumo de laranja
- Ovos
- Açúcar
- Água
- Sal



### Preparação

- Amassa-se a massa do pão com a farinha, água, levedura/fermento e sal.
- Depois de levedar, junta-se o azeite e banha, a canela e erva-doce, o chocolate em pó e as raspas de limão.
- Seguidamente, junta-se o açúcar, os ovos e no final o sumo de laranja.
- Depois de amassar, unta-se um tacho com banha onde é colocada a massa.
- É cozido em forno de lenha ou, em alternativa, em forno de gás ou eléctrico durante cerca de 1 hora.

**BOM APETITE!**



## Processo de confecção de folares na Aldeia de Santa Rita

Na aldeia de Santa Rita, a tradição de fazer folares em forno de lenha persiste em algumas casas e os saberes-fazeres antigos vão passando para as gerações mais jovens que fazem questão de lhes dar continuidade.

Anabela Fernandes é um desses exemplos. Educada a valorizar as tradições mais antigas da família, dedica-se à arte de fazer folar nesta altura do ano. Nesta edição do *Tomilho*, partilha as várias fases da confecção dos seus folares.



1. Misturar os ingredientes



2. Amassar



3. Enformar



4, 5 e 6. Cozedura dos folares em forno de lenha.

# Boa Páscoa!

# VAI ACONTECER...

## EXPOSIÇÕES

### “PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela /CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

#### Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00

## OFICINAS (sujeitas a inscrição prévia)

As participações são limitadas (10 pessoas). Inscreva-se com antecedência, deixando o nome e contacto

### “CAÇA SONHOS”

#### Vem criar o teu!

Orientação: Joana Rocha

CIIPC, Santa Rita

Domingo, 13 Março, 15h00 às 18h00

Para miúdos e graúdos

Valor – 10 € / pessoa (a reverter directamente para a orientadora)

### DEM VEM CRIAR UM MAIO

CIIPC/ CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Terça-feira, 12 de Abril, 9h30 às 12h30

Público em geral e crianças em férias

escolares da Páscoa

Participação gratuita

## PASSOS CONTADOS -

### Passeios pedestres de interpretação da paisagem

### FAUNA E FLORA NOS SISTEMAS DUNARES DE CACELA

Com as biólogas Paula Moura e Ana Moura

3 Abril (Domingo)

Ponto de encontro: 9h30 na Manta Rota (em frente ao antigo Casino)

As participações são limitadas. Inscreva-se com antecedência, deixando o nome e contacto.

Valor de inscrição – 5 €

## MERCADINHO DA PRIMAVERA EM CACELA VELHA

Domingo, 10 de Abril

Das 10h00 às 17h30

Mercado de artesanato, produtos alimentares e velharias/artigos em 2ª mão



## Lengalenga

Na vela do moinho, encontrei  
o Zé coxinho,  
a cavalo num burrinho,  
o burrinho era coxo,  
a cavalo num caroucho,  
o caroucho era valente,  
o cavalo numa trempe,  
a trempe era de ferro,  
a cavalo no martelo,  
martelo bate sola,  
cavalo numa bola,  
e a bola era minha,  
o cavalo numa pinha,  
e a pinha dá pinhões,  
a cavalo nos feijões.

Teresa Rita Manuel, nascida em 1930  
(92 anos), Ribeira da Gafa



Câmara Municipal  
Vila Real Sto. António

## FICHA TÉCNICA

**Edição:** Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Património Histórico

**Coordenação e redacção:** Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

**Colaboração:** Anabela Fernandes, Arlete Gonçalves, Fátima Afonso, Leonor Teixeira, Júlia Horta, Odete Nascimento, Maria Aldina Neves, Maria José Neto Gil Regato, Maria Emília Fernandes, Raquel Batista, Suzel Bento, Teresa Rita Miguel

#### Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIPC CACELA